

## Entrevista com o professor Paulo Pavão

Formado em Medicina pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, professor associado pela mesma universidade e Médico do Ministério da Previdência Social, tem experiência na área de Medicina, com ênfase em Psiquiatria. Foi diretor da Unidade Docente Assistencial (UDA) de Psiquiatria do Hospital Universitário da Uerj. Nessa entrevista ele faz um relato abrangente de toda a sua trajetória, desde a infância, mostrando que desde cedo foi despertado para a questão da saúde mental.

\*\*\*

R.C.C.: Eu queria começar a entrevista fazendo algumas perguntas mais informativas, né? Por exemplo, onde o senhor nasceu?

PROF. PAVÃO: Olha, eu nasci aqui no Rio de Janeiro e por uma coincidência, né? Eu nasci na rua 02 de fevereiro, no [...], era a rua que era acesso ao hospital centro psiquiátrico Pedro Segundo.

R.C.C.: Ali no Engenho Novo, Engenho de Dentro, quer dizer.

PROF. PAVÃO: Isso, na rua do hospital.

R.C.C.: E os seus pais? Quem eram os seus pais? Qual era o nome deles?

PROF. PAVÃO: Olha, meu pai, Roberto Chaves Pavão, e minha mãe Carmem Alves Pavão. Eles eram funcionários na época da prefeitura, né? Depois do Distrito Federal, e trabalhavam em escola. Meu pai trabalhou na escola Ferreira Viana, uma escola que tem [...] e minha mãe trabalhou muitos anos no colégio Torres Aguiar no centro e depois ali na escola Bento Ribeiro, no Meyer, nível médio, mas eram pessoas informadas, eram pessoas que liam, né? Então foram...

R.C.C.: E eram quantos irmãos?

PROF. PAVÃO: Olha, eu tinha dois irmãos. Bem mais velhos do que eu, bem mais velhos, pelo seguinte. Minha mãe fica viúva aos 21 anos no dia que saiu da maternidade com a minha irmã. Quer dizer, e alguns anos depois, quatro, cinco anos depois ela se casa com o meu pai, então eu nasço. Na verdade, são irmãos, um até morreu, irmã está

viva, com 91 anos, e eu. E na minha família, [...] assim, a família nuclear, moravam conosco, foram morar conosco um tio, irmão da minha mãe, que era solteiro, e a minha avó, né? Portuguesa, lá de [...]. Esse meu tio era uma figura muito interessante, marcou muito a minha presença, por quê? Ele era um artesão, ele era um marceneiro, tinha uma loja, uma fábrica de móveis, ali na Santa Tereza, sempre moraram ali, nós em parte ali também. E ele fazia parte do partido, como [...] que era liderança do PCB, antigo PCB, e eu tinha muita ligação com ele porque ele não tinha filhos, depois ele foi morar conosco quando a minha avó fica idosa e ele também. E ele me levava muitas vezes para alguns encontros, saía com ele aí por Santa Tereza, eu me lembro, que lá em Santo Amaro tinha uma rua, tinha um bar de [...], era bar Recreio, tinha uma varanda, um [...], e muitos daqueles, né? Antigos militantes comunistas, na época eram militantes, eram fugitivos, né? Passaram a [...] um estado novo, isso foi antes de 64, eu era criança, e eu conheci algumas dessas figuras, como conheci assim já bem velhinho o Astogildo Pereira.

R.C.C: Legal. Então...

PROF. PAVÃO: Então ele foi muito importante [...] participação que ele teve aí.

R.C.C: Uma curiosidade. O senhor se lembra se nesse período em Santa Tereza, porque eu lembro que a... a... a Nize da Silveira morou muito tempo em Santa Tereza, inclusive ela foi, digamos assim... oi?

PROF. PAVÃO: Ela morou no Curvelo.

R.C.C: Curvelo. O senhor conheceu ela nessa época ou não?

PROF. PAVÃO: Não.

R.C.C: Não, ainda não.

PROF. PAVÃO: Não. Se eu conheci não liguei. Sei que eu ia muito lá com o meu tio, ficava ali geralmente final de domingo de manhã, conversando, e às vezes tinha uma reunião ali em um prédio, em um apartamento, no Largo do Fiário, que é ali pertinho, que eu acho que isso em certo de clandestinidade, isso eu era criança, hoje eu vejo, né? Ficavam conversando ali, e eu ficava brincando com as duas crianças, alguém que morava ali, né? Mas a Nize da Silveira eu conheci depois, anos depois.

R.C.C: Depois, entendi. Uma curiosidade, o senhor acabou de dizer que seus pais liam muito. Eles chegaram a construir alguma biblioteca em casa?

PROF. PAVÃO: Tínhamos, pequenos, mas tínhamos. Primeiro meus pais, primeiro meu pai lia muito jornal, naquela época, você sabe, havia jornais dos mais variados matizes, ele e meu tio. Então, por exemplo, tinha o Correio da Manhã, tinha o Diário de Notícias, tinha o Jornal, dos diários associado, tinha aqueles jornais que circulavam à tarde, os vespertinos, a notícia, não é? E o meu tio lia e passava para a gente, passava para mim. Minha mãe era funcionária pública, embora fosse uma pessoa progressista, mas ela tinha um certo medo na época da repressão comunista, medo de perder o emprego, mas eles sempre passavam para a gente o jornal, para mim, pelo menos, depois que eu já era adolescente, o jornal do partido, né? Ele lia, chamado Novos Rumos, eu li muito Novos Rumos, então nós liamos muito jornal, e literatura. Romance, muito, aparecia literatura brasileira, né? Por exemplo, os autores nordestinos, [...] José Lins do Rego, o Graciliano Ramos, e depois eu vim... foi minha aluna, e trabalhou comigo uma das netas do Graciliano Ramos. Interessante, né? E a gente lia e [...] depois que vinha chegando, que meu tio trazia, por exemplo, eu me lembro que minha mãe ficou um pouco brava com ele, ele levou lá e deixou lá em casa o O diário da Revolução, do Lenin.

R.C.C: Chegou a ter esse livro na biblioteca?

PROF. PAVÃO: É, eu era muito novo. Não, na biblioteca não, ele levava, aí minha mãe tinha preocupação, mas aí [...] ele levava, né? Depois que ele foi morar conosco, aí ficou lá. Sim, eu tinha acesso, embora morando no subúrbio, fosse uma classe média, média para baixa, quer dizer, mas nós tínhamos uma... [...] era um bairro, não sei como está hoje, mas era um subúrbio interessante, que era urbanizado, tinha água, luz, as ruas calçadas, muito transporte, tinha o bonde, tinha o trem, tinha as lotações. Várias praças, tinha muitas escolas, muitas escolas públicas ali, e tinha também posto de saúde, era um subúrbio, pelo menos a área que eu morava, numa pequena classe média, e alguns talvez [...], mas no subúrbio tinha uma vida até boa, comunitária, as pessoas [...], times de futebol, tinha uma vivência boa ali. Morei lá até me casar, até os 28 anos, já era médico, me casei.

R.C.C: E qual era o nome do seu tio?

PROF. PAVÃO: Adelmo Martins.

R.C.C: Adelmo?

PROF. PAVÃO: Martins.

R.C.C: Martins. E o seu tio era o que? Qual a profissão dele?

PROF. PAVÃO: Marceneiro.

R.C.C: Ah, é, o senhor falou, o senhor falou, marceneiro, verdade.

PROF. PAVÃO: A mãe, a família da minha mãe, por parte de pai, meu avô era espanhol. E minha avó portuguesa. Segundo minha mãe conta, eles emigraram, tiveram que emigrar por várias razões. Uma delas é que esse meu avô conhecia que era lá do movimento anarquista. E envolvido lá no atentado, explodiram uma ponte, aí eles tiveram que fugir, né? De [...], outro lado, e acabaram vindo para o Brasil, mas eu não conhecia esse avô, nada dele, conhecia minha avó, já bem velhinha.

R.C.C: Sim. E onde... onde o senhor estudou? O senhor lembra que escolas foram essas? Foi uma escola só ou foi mais de uma?

PROF. PAVÃO: Eu comecei a estudar primeiro numa escola pública chamada Rio Grande do Sul, com sete anos, mas eu me adaptei muito mal à escola, chorava, era muito difícil. Então naquela época, no subúrbio, havia aquelas senhoras que ensinavam em casa, [...] uma parte ali do subúrbio ali, depois prestei concurso para entrar no ginásio, aquele concurso de admissão, ali prestei no colégio Souza Aguiar, no centro, mas acabei estudando de colégio particular também, estudei em um colégio chamado São Judas Tadeu, ficava no [...], porque meu pai tinha acesso, assim, à parte administrativa na área de educação, a parte burocrática, e era conhecido, e era meio complicado isso, e minha mãe eu ia para o colégio onde minha mãe era chefe de disciplina, então era meio limitante, então eu estudei no colégio São Judas Tadeu, fiz o ginásio todo ali no Encantado, ali no [...] de Melo, não sei se ainda tem, tinha virado uma faculdade, não acompanhei. Depois fui para o Meyer, o ginásio, no colégio 02 de dezembro, e aí prestei vestibular e entrei para a faculdade de ciências médicas, na época UEG, né? Depois... na UEG, mas hoje é UERJ.

R.C.C: Sim. A gente quando passa ali na linha amarela em direção ao centro a gente vê o prédio dessa escola São Judas Tadeu até hoje, acho que funciona até hoje, virou universidade também, né?

PROF. PAVÃO: É de uma família, né? [...] chamado Geraldo Moreira Santana. Eu sei que mudou, era do lado de uma calçada, depois [...] quando passa ali você vê, eu raramente passo ali, aliás eu estou esperando passar a pandemia para matar as saudades lá, dar uma passada, que já não tenho mais nenhum parente morando ali, né? Minha irmã não mora ali, meu irmão morreu, minha mãe morreu, a casa foi vendida, então, eu ainda devo ter alguns colegas, passar lá, visitar um pouco, olhar. Estou com uma vontade. Tanto isso quanto no centro da cidade, eu também estou com saudade onde eu trabalhei no centro da cidade desde 1973 até 2018, 45 anos. [...]

R.C.C: Uma pergunta sobre... uma última curiosidade sobre os seus pais. Eles tinham religião?

PROF. PAVÃO: Olha, nós... a religião foi o seguinte, eles eram católicos, mas por adoção, sabe? Que esse meu tio era ateu, né? E tem mais, não sei se interessa isso, a minha relação com a religião. Eu, quando [...] uma família amiga nossa, muito amiga nossa, lá nós tínhamos uma casa boa e do lado tinha uma vila, tinha uma família ali que veio do Amazonas e tal, e essa moça era católica, eu então virei católico, fiz catecismo, quer dizer, a minha família não se opôs, né? Fiz catecismo, virei católico, eu ia às missas, cheguei a ajudar muito a missa ali, como coroinha, né? Acompanhava, mas aí foram uns quatorze, quinze anos, acho que minha família achou que não estava muito bom, né? E aí foi interessante que meu [...] não disse nada contra, né? Mas me deu de presente um livrinho, o manifesto do partido comunista, aí eu li, já tinha lido outras coisas, aí eu comecei, aí eu me afasto da igreja, me afastei da igreja católica, o que eu guardei dela, gostar de [...], de ir lá, e também de canto gregoriano. Quer dizer, hoje eu sou ateu tranquilamente, né? Mas eu tive ali uma passagem sim, isso aí deve ser dos dez aos quinze anos, eu até brinco, eu acho que eu fui lá, não é que a minha... minha avó era católica, portuguesa, e tal, minha família deve ter ido a uma missa, não praticava a religião diretamente, se dizia de perto católica, eu até brinco, acho que essa minha paixão pela igreja acho que foi minha primeira paixão amorosa por alguém, por essa moça bonita, que tinha uma coisa interessante, era uma família negra, de origem africana, e ela era muito bonita, nós ficamos muito, muito amigos, até depois de adultos, ela até veio a falecer, mas depois me afasto da igreja, mas tive essa passagem lá, não sei se isso te interessa.

R.C.C: Quando o senhor se decidiu a fazer ciências médicas, a ser médico, a fazer medicina, aí os seus pais apoiaram ou não?

PROF. PAVÃO: Apoiaram, apoiaram [...] até uma história da questão da vocação. Se você me perguntar na vida o que eu quis ser, eu sempre quis ser médico, sempre, e é interessante, isso é coisa gozada, não, na minha família não tem nenhum mestre, não tinha, agora já tem aí os sobrinhos, mas na época não tinha, eu fui o primeiro a fazer medicina, mas eu criança já gostava, gostava, minha mãe conta, perto da nossa casa tinha um posto, não sei o que [...], médica domiciliar de urgência, e atendia junto com assistência pública, e as ambulâncias passavam lá e eu via os médicos e eu então pedia à minha mãe para fazer uma roupa branca como a deles, né? E eu usava muito, gostava muito. Foi sempre, e não houve nenhuma interdição, nenhum empecilho, pelo contrário.

R.C.C: Interessante, interessante. E quando... quando essa decisão de na medicina fazer, se especializar na psiquiatria, isso já veio antes ou uma coisa que surgiu já dentro do curso, dentro da faculdade?

PROF. PAVÃO: Surgiu dentro do curso, né? Eu morava ali no Engenho de Dentro, ao redor, né? Havia uma interação com os pacientes psiquiátricos. Muitos saíam. Eu acredito hoje que era aqueles alcoólatras que estavam mais recuperados, e outros, eles andavam, eles andavam ali na rua com aquele uniforme azul, tinha uma praça, eles sentavam ali, alguns, né? De vez em quando passavam uns correndo. Mas eu tinha uma imagem muito ruim daquele hospital, por várias razões. Eu achava essas pessoas abandonadas, às vezes, eu ficava impressionado, de manhã, por exemplo, passava aquela multidão que saía da estação de trem para ir para as consultas ambulatoriais, e no final da manhã eles voltavam e eu observava, a gente via o paciente ou a paciente, vinha sedado, vinha sonolento. Depois eu descobri, depois que eu estava lá, que aquilo ali era a sedação que eles faziam muito eletroscópio, né? Um tratamento na época. E outra coisa que me impressionava muito, e inclusive em crianças, era a quantidade de enterros que passavam pela minha rua, porque aí o hospital do Engenho de Dentro do cemitério de [...] passava ali por baixo, naquela época o caixão ia aberto, né? Quer dizer, naquele carro. [...] depois eu pensava, ali deve ser horrível, não sei, deve ser, eu não simpatizava com aquilo. Aí eu entro para medicina, na minha intenção eu tinha duas pretensões, uma era fazer clínica médica, eu achava por influência do médico do bairro, que era um sujeito que visitava as famílias, foi muito importante isso, inclusive em 57, eu tinha

doze anos, houve aquela pandemia da gripe asiática, que muitos doutores adoeceram, e ele ia lá visitar, e nessa época minha mãe ajudou muito, que minha mãe tinha os rudimentos de enfermagem, inclusive trabalhava na escola como enfermeira, então ia, ajudava a dar injeção. Eu gostava muito de vê-lo quando ele ia atender alguém na minha casa, tranquilo, né? Sempre com paletó azul, eu gostava. Aí então eu estava muito influenciado por algumas biografias, pensei também em doenças infecciosas, aí fiquei lá o primeiro ano, e aí eu já vinha em um processo de intelectualização, de ler, de interesses, eu começava a pensar, não é? E fiquei, confesso, assim, um pouco decepcionado com uns professores que eu vi no primeiro ano, não é? Ou eles eram muito técnicos, não pareciam pessoas muito cultas, não sei se na época eu estava já... se eu tinha certo [...], eu sei que me impressionou assim [...], aí eu estava de férias no segundo ano e li em um jornal que havia sido inaugurado lá um socorro psiquiátrico. Eu conheci um vizinho que trabalhou lá como... era enfermeiro, eu conhecia, eu falei vamos lá comigo, que eu queria ver, eu passava por fora, né? Olhava os pacientes no muro e tal, aí entrei. Aquilo ali não sei se você conhece hoje, aquilo ali era uma verdadeira chácara, são dois quarteirões, aquelas alamedas, né? Um prédio muito bonito, muito [...], aí fui lá no pronto socorro, e o médico [...] Francisco de Assis, ele falou “ah, você faz medicina, fica aqui, venha olhar aqui com a gente”, mas estou no segundo ano, “não, mas venha olhar”, aí eu estava de férias, e naquela época não viajávamos, não tínhamos o hábito de viajar, [...], aí como eu estava assim [...] aí eu fui, comecei a olhar, e aí trabalhei lá com o professor Miguel [...], trabalha hoje conosco na universidade, que era médico auxiliar, ele estava formado há poucos anos, e aí eu acabei ficando, e nessa história de eu entrar lá no Engenho de Dentro, como é que foi? Eu acabei, fui estagiário, depois fui bolsista, bolsista no pronto socorro, frequentava uma enfermaria quando eu era interno já de medicina. Quando eu fui, eu fiz residência lá, porque na época que eu fui residente não houve residência no Predro Ernesto de psiquiatria. Aí fui residente lá, fui R3, fui chefe de enfermaria, [...] fazendo uma carreira lá. Em 75 há uma mudança radical, os empresários da loucura começam a se queixar porque fazíamos um trabalho muito interessante com o professor [...], para mim foi o maior psiquiatra que o Brasil teve no século XIX, XX, foi um homem que ele era um marxista, fez, fizemos toda uma mudança, muito radical, muito grande, interessante, que era um momento de ditadura, havia controle, mas o diretor, ele segurava essas barras, né? E um dos hospitais onde nós fomos, o diretor era o Jairo [...], que depois foi líder

sindical, hoje está no meio do movimento ecológico, e ele dizia, olha, cuidado, que a gente tinha informante, né? Que quando vi e olhei minha ficha lá no DOPE, tinha relatos, né? Que eles falavam das reuniões que nós estudávamos psiquiatria, pegávamos Marxismo, [...] era um homem muito visado, então até 75 nós fomos lá, e aí começa uma repressão muito grande mesmo. Para você ter uma noção, o Engenho de Dentro são vários hospitais abrindo para várias ruas, e abrem para um espaço interno, então chegou um momento que eles fizeram um muro separando o nosso hospital, que era o Gustavo [...] e nós estávamos proibidos de passar para o centro. Isso acabou com a demissão da equipe, eu acabei sendo demitido, eu era contratado, né? E aí saí, em 76 eu fui convidado, eu [...] tinha problemas para fazer concurso, mas tinha medo pela questão do atestado de ideologia que na época era exigido, então fui lá como convidado, como visitante, para poder organizar a enfermaria, que naquela época estava passando por mudanças. Assim que eu chego lá no hospital. Aí depois que eu faço carreira ali, e paradoxalmente em 85 eu volto para ser diretor do centro psiquiátrico a pedido dos funcionários, com aquelas mudanças todas, né? Eu volto lá para fazer uma espécie de direção de transição junto com a associação de funcionários e tal, que eles estavam querendo eleger os diretores, né? Então eles pediram a minha ida, fiquei lá um ano, essa transição foi feita e tal e depois eu saí. Então ali de dentro tenho também um período, uma passagem grande. Eu trabalhei com a Nize da Silveira, ela era muito ligada ao professor [...], então aqueles pacientes todos que foram [...] do museu, como Adelina, Fernando Diniz, quando eles precisavam, o Fernando Diniz, eles iam para a nossa enfermaria, lá não havia, quer dizer, nossa equipe aboliu eletrochoque, [...], mudou o contexto, né? Ali se fez interessante o que [...] fez na Itália nós fazíamos ali, muito bem. Aí eu conheci, eu assistia aos seminários da Nize da Silveira, também, importante. Depois interessante, quando eu vou lá para UERJ, Fernando Diniz era um dos principais pintores, vai passar os últimos anos dele lá conosco, porque ele tinha problemas clínicos. Lá também teve uma experiência muito boa do Osvaldo Santos numa enfermaria, em um dos hospitais ele coloca uma comunidade terapêutica, um serviço muito interessante, que eu acompanhei de longe que eu estava ligado a um outro setor. Tem até uma história, não sei se eu estou me alongando, aí você me fala, uma história quando o homem foi à lua, né? Então os pacientes fazem uma reunião, eles queriam assistir, mas no hospital onde eu estava, na enfermaria, uma das características era pobreza, né? De recursos, aquilo tudo, e parece que não tinha televisão. Então uma

paciente dá uma sugestão. Ela diz o seguinte, que era lua cheia, e se eles [...] para a praça que tinha ali perto olhar para a lua. Então ele aceita, o grupo vai para essa praça Rio Grande do Norte e fica ali para ver o homem chegar na lua, e interessante que os moradores muitos acabaram aderindo, né? Sempre que eu me lembro dessa cena, eu morava ali, eu fui, né? Eu me lembro, depois eu penso hoje assim, ali aquela cena [...], para fazer ali aquela, tomar aquela cena, ou [...] ou Glauber Rocha, foi muito interessante olhando, né? Para a lua. Conversando e tal, deu uma grande confusão e ele foi afastado, porque isso aí foi considerado subversivo. Então eu vivi essa época toda ali [...].

R.C.C: Agora uma dúvida sobre, ainda voltando um pouquinho à sua vida estudantil, lá nos primeiros anos da UEG, o senhor chegou a participar na época de estudante do movimento estudantil?

PROF. PAVÃO: Participava, sim. Quer dizer, eu nunca fui liderança, eu nunca assumi, digamos, por duas razões, né? Uma delas é que eu não tinha ligação com o partido comunista, não era filiado, porém tinha ligações assim com pessoas, né? Como meu tio, então eu vi, mas eu participei, da vida intensa do [...], dos tempos acadêmicos lá, [...], todas as passeatas, assembleias, de vez em quando escrevia uns artigos com pseudônimo para o jornal, isso sim, participei, e muito, acompanhei todo esse movimento, Ibiúna, [...] estava ligado ao partido, a orientação foi não ir, porque pessoas corriam risco da prisão, foi muito... participei muito intensamente, das várias passeatas.

R.C.C: E o senhor teve professor e colega, colega eu falo colega do curso de medicina preso? Chegou a acontecer isso?

PROF. PAVÃO: Muito, aconteceu. Agora tem uma coisa interessante que na época da ditadura ali a faculdade teve como diretor uma figura exponencial chamada [...] Carneiro, [...] era um católico liberal, mas extremamente sério, né? E na direção da faculdade, do hospital, tinha um outro professor chamado [...], era um furacão, né? O [...] tinha uma relação muito boa conosco, com o movimento, o [...] ele tinha, mas era o seguinte, ele brigava, era capaz de ir nas assembleias brigar, gritar, fazer aquelas confusões todas. Mas quando o bicho pegava, ele deixava. Então o [...] muitas vezes nos avisava, olha, o pessoal infiltrado, ajudou muito a estudantes que foram presos, e ele pela influência dele junto à igreja católica ele ia lá, entende? Então, quer dizer, houve pessoas presas sim, pessoas da minha turma, chamada, uma moça chamada Jane

Corona, teve que ir para o Chile. O interessante é que o presidente do [...] em 68, o João [...] Salgado, ele era da minha turma, muito ligado a mim, e eu escrevia panfletos e tal, eu não tinha cargo nenhum, mas participava, né? E ele participou de todo o movimento estudantil e participou do sequestro do embaixador americano.

R.C.C: É mesmo?

PROF. PAVÃO: É, e tem uma coisa, quando ele vai, ele já isso foi, sequestro foi quando? Eu não me lembro, foi em 68? Foi né? Antes do AI5, eu me lembro, ele foi, e obviamente ele estava no movimento, ele hoje tem uma pequena fazenda lá no Mato Grosso, né? Figura séria, tranquila, muito bom, uma liderança muito séria. Vai, localmente ele não avisou, ele não ia chegar para a gente e avisar que ele ia participar do sequestro. Então o que aconteceu? Deu um incômodo, eu me lembro do dia do sequestro, eu saí da faculdade com um colega que morava no Meyer, eu ia para o Engenho de Dentro, de repente tudo parado, trânsito todo parado, a 28 de setembro contramão, não andava nada. Aí andamos até ali a UERJ, tinha um ônibus avançando, parado, falei vamos nesse. Aí eu... fomos pagar a trocadora, falou ó, nem adianta pagar, porque acho que a gente não vai sair daqui, nós estamos aqui há duas horas, eles fecharam, né? A segurança, interditar a rua e tal, então nós não conseguimos ir para casa, e isso nos deixou um pouquinho assim, alertas, né? Tanto é que eu fui orientado a não dormir na minha casa, fui até para a casa da minha avó uma semana, porque eles foram rastreando as pessoas, né? Mas não me incomodaram quanto a isso, não, não me prenderam quanto a isso, não me interrogaram. Alguns colegas, uma moça lá que parece que era noiva dele, muito amiga minha, ela foi presa ali quando ia para o vestiário, e muitos colegas, né? Invasão do hospital em 68 morreu um colega nosso, [...], morreu baleado lá, a polícia... eu estava ali, eu estava na rua, fiquei deitado na 28 de setembro, eles mataram esse colega e feriram dez gravemente. Ali também esse episódio foi um episódio que tem um filme, um documentário chamado Jânio a 24 Quadros, que alguém filmou na hora, né? O tiroteio, a correria. Os quinze minutos ou vinte desse filme, dessa cena, nesse filme, foi muito, muito rico esse documentário, e foi a luta, o movimento na faculdade de medicina foi muito forte, muito, muito forte, né? Enfrentou muito.

R.C.C: E essa faculdade de medicina da UEG ou da UFRJ? Na antiga faculdade nacional.

PROF. PAVÃO: Da UEG, ali na 28, [...], é porque a medicina UERJ ela é, ou ela tinha sede ali em São Cristóvão, lá no São Cristóvão, na Fonseca Teles, aí os [...] da época, não é? Liderados por um grande sujeito, um grande médico que morreu agora, [...], eles foram, fizeram o movimento, que mesmo para levar a faculdade dali e para que o hospital passasse a ser o hospital [...] ia ser privatizado, que ele passasse a ser [...], né? E Carlos Alberto Moraes, aí foi uma luta, né? E foi muito importante para o Hélio Cordeiro, e muitos outros, uma liderança boa. Então a faculdade ficou ali. Quando eu entrei foi o primeiro ano que a faculdade estava ali, 1966, então nós da medicina, a economia da UEG, o [...] da UFRJ, foram os centros mais, o pessoal da medicina da UFRJ, as lideranças aqui no Rio de Janeiro.

R.C.C: E ali era, eu vi uma entrevista que o senhor deu, está disponível na internet, que aquilo onde é a UDA era uma vila operária da antiga fábrica de tecidos, né?

PROF. PAVÃO: Do [...]

R.C.C: Do [...], isso.

PROF. PAVÃO 2: Quer que eu falei sobre isso? Posso falar?

R.C.C: Claro, claro, pode falar, sim, claro.

PROF. PAVÃO: Você deve lembrar, você lê né? Década de 30, dezembro, Vila Izabel era um bairro de classe média, né? Tanto é que tem uma rua chamada Boulevard.

R.C.C: Isso.

PROF. PAVÃO: Ali vai ser uma espécie de Ipanema, guardada a referência, em 70, a música ali, Noel Rosa, Vadico, Lado Pereira, toda aquela turma ali, o Braguinha, eles viviam ali no chamado [...] interessante que quando eu saio do Engenho de Dentro eu vou morar na Vila Izabel, e eu passo uma parte da minha vida em Vila Izabel, primeiro como estudante, depois morando ali, e até hoje, como professor. Então Vila Izabel [...], então era um bairro de classe médio, bairro de professoras, e ao lado, mais adiante tinha o Andaraí, o Andaraí era um bairro operário, as fábricas, aquela fábrica Confiança, que tem aquela música do Noel Rosa, o último apito, né? E ao lado, entre o Andaraí e Vila Izabel ali, quase indo para a Tijuca, tinha um bairro de casas muito bonitas chamado Aldeia Campista. Ali [...] moravam os engenheiros ingleses, os diretores das fábricas, inclusive o pai do Braguinha era um diretor da fábrica, né? E ali por trás, onde é hoje

nosso serviço, ali tem aquele sobrado, várias casas, ali por trás tem uma rua chamada Pisas de Almeida, que até hoje tem as casas operárias lá, muito até conservado. Quando a faculdade, a universidade, como é que ela vai para ali? Ali era favela do esqueleto, eu me lembro [falas simultâneas], eu pegava o ônibus, o bonde, né? Ali na São Francisco Javier, favela do esqueleto, encostava lá no muro da estação de ferro, não tinha [...], em 66, o Lacerda abre a radial oeste e tal, e ele tira a favela do esqueleto com muita violência, né? A violência da direita, as máquinas passam em cima, quem saiu saiu, quem não saiu. Aí constrói, e aí quando o hospital passa para a universidade e a faculdade foi inaugurada, aquelas casas foram todas desapropriadas. Tanto assim que quando eu era estudante nossos vestiários eram ali, naquelas ruas, depois que mudou isso. E a [...] ela foi colocada ali por quê? Não foi, acho que não oi por nenhuma visão esclarecida não, pelo contrário, não é? Eles tinham a [...] da UERJ, da UEG, dava aula nos hospitais psiquiátricos, e precisava ter uma cadeira, uma disciplina. Eles não iam colocar, não teriam coragem de colocar os pacientes psiquiátricos, a imagem que a medicina tinha dos loucos como perigosos, então colocaram ali. Tipo, deixar ali provavelmente achando que ela queria ser, fosse ser demolido, não é? Quando eu entrei, que eu fui estudante, ali não era bem um serviço, ali tinham um cinco, três, quatro pacientes que estavam ali para serem exibidos nas aulas práticas como se fossem manequins, e tinha um ambulatório do Ministério da Saúde, só que aquela escolha acabou não dando certo, por quê? Porque rompe com aquela visão tradicional do asilo, do hospital psiquiátrico. Se você olhar, por exemplo, o Engenho de Dentro, e você comparasse a arquitetura dele, a visão dele de fora, com a antiga Frei Caneca, era muito parecido, branco e azul, janelas gradeadas, e muitos nessa mania de botar um em cima do outro, e [...] não, a [...] ela nasce, ela vai morar ali sem as características do asilo, ela é horizontal, são casas, né? Aquele sobrado, a parte administrativa de aula, e tem uma característica, né? Boa, quando chego ali. Nós conseguimos acabar com aquela separação, enfermaria masculina e feminina ali. Não tem muro separando, são as casas. Eu me lembro que nós colocamos isso, nos perguntaram, mas você pode ter problemas, e se houver estupro, relação sexual? Nunca houve [...] se tiver namoro isso é até saudável, porque existe, na vida nós não vivemos homens e mulheres, então acabou funcionando, e ali eram casas operárias, né? Ali, operários naquelas casas, a casa tem dois quartos, né? Uma sala, um quarto pequeno, tinha [...], tinha área com tanque, banheiro, então foi o ideal, eu espero te confesso que eu sempre tive muito medo,

porque uma coisa é quando você tem uma determinada orientação, tem uma boa equipe, como a gente tem lá, [...] com outros olhos, não é? É a preocupação que eu tinha, assim, até hoje, né? Que mude aquilo, não é? Eu me lembro que uma vez eu fui chamado por uma diretora, que virou médica, que queria me propor um negócio. Falei, mas qual é o negócio. Você concorda, a gente constrói ali uma área do hospital uma réplica da psiquiatria. Falei, é, e aí? Não, porque nós temos um projeto naquela área que vai até ali, vai ser muito bom para a universidade, construímos um shopping center com aquela empresa [...], estacionamento subterrâneo, os consultórios vão ser em cima e as lojas. Olha só, primeiro eu não sou o dono daquilo, né? [...] pública, ou uma audiência pública, depois eu sou totalmente contra, eu corri, consegui amarrar aquilo de uma maneira tal [...] que estava como se diz, tombado pelo patrimônio, e a coisa se perdeu, então aquele serviço teve uma importância muito grande dentro de toda essa luta, dentro da reforma, porque marca pela primeira vez a universidade com o serviço que resolve participar das lutas sociais, não aquela universidade que fica importando a psiquiatria alemã, a psiquiatria francesa, [...] aquilo tudo, acho que o mérito ali foi abrir, abrir para a comunidade, olhar a doença pela sua dimensão sociopolítica, tirar todas aquelas opressões que realmente aconteciam, sem deixar de tratar as pessoas.

R.C.C: Uma dúvida em relação à sua residência no Pedro Segundo, o senhor falou rapidamente, o colega que te ajudou até a entrar, fazer essa residência lá foi o Chalube, foi o doutor Chalube? Professor?

PROF. PAVÃO: Foi fazer a formação dele. A minha formação mesmo vai se dar quando encontro o professor [...] eu encontro o Loyelo em 69, meu pai tinha morrido, eu estava, no dia que eu encontro o Loyelo eu estava me despedindo lá das pessoas que eu conheci, eu tinha dito, não, não dá para fazer psiquiatria, isso eu estou vendo aqui, não tem nada a ver comigo. Nisso eu encontro, sou apresentado a ele, ele era uma figura simpática e um ídolo de todo mundo ali, aí ele conversa comigo, eu digo, estou desistindo da psiquiatria, professor. Ele falou, olha, vamos fazer uma coisa, eu estou voltando do exílio, ele foi afastado pela ditadura e estava voltando, e na enfermaria ele não podia trabalhar porque ele não podia ter aluno com ele, mas no plantão ele tinha que ter, porque precisava da equipe, daí eu passei a trabalhar com ele, depois fomos para a enfermaria e aí criamos uma relação muito próxima, ele não tinha filhos, foi quase como se me adotasse. Trabalhei muito com ele, aí fiz a prova de residência e fiz a especialização em saúde pública na escola nacional de saúde pública.

R.C.C: Entendi.

PROF. PAVÃO: Quando encontro o [...] quando volto para a universidade, quando eu estou lá ele volta, ele chega.

R.C.C: Uma questão ainda na última sobre a UEG, na época o senhor fazia graduação, qual era a linha teórica que se destacava na psiquiatria? Ou linhas teóricas? Ou escolas que se destacavam na sua época, que eram mais marcantes.

PROF. PAVÃO: Na psiquiatria? Na psiquiatria UEG, serviço [...] da UEG era uma coisa muito complicada. Se você fosse ver pela minha turma as pessoas que fizeram psiquiatria você veria que o serviço não atraía ninguém. Tinha um [...] muito antigo que foi senador da república no tempo do Getúlio, era uma figura tradicionalista, aquela psiquiatria organicista, com os assistentes também que não eram grandes coisas, então a gente, eu não sei dizer qual era a linha que psiquiatria tinha ali, porque era uma confusão danada, era uma aula por semana. Não é. Agora na década de 60 a psiquiatria no mundo vai viver grandes contradições, né? A questão da antipsiquiatria, que surge muito em maio de 68 com o movimento na França, surge um livro muito importante que faz um questionamento radical das práticas psiquiátricas, que foi o livro do Foucault, História da Loucura na Idade Clássica, não é? Movimentos [...] na Inglaterra com Ronald [...], com David Cooper, na França a psiquiatria institucional, e na Itália a chamada psiquiatria democrática com o Bazzari, e no Brasil fora da faculdade, universidade, ela mantinha aquela psiquiatria tradicional, aqueles grandes sistemas, aqueles tratamentos. Agora, a grande discussão vai se dar lá no Engenho de Dentro com a chegada do [...], e [...] por exemplo, da [...] um autor que agora de novo está sendo visto, né? Um psiquiatra da [...], que foi o [...], ele traz [...] dele, né? [...] aquele outro [...] de pele negra, ele me dá e diz vai ler, vai estudar para a gente trazer isso para cá, ele traz a psiquiatria francesa com o [...], e a discussão de uma transformação em um momento em que também se discutia a comunidade terapêutica, então as grandes transformações vão se dar no Brasil fora da universidade, a universidade mantém uma linha tradicional, uma linha mais conservadora, hoje ela [...] da modernidade da psiquiatria hoje qual é? Pelas universidades, a chamada neurociência, essa preocupação obsessiva com a ciência, que ciência eles falam. Então é claro que vai ter, vai ter gente importante, por exemplo, [...] patologia [...] a gente precisa saber, precisa lidar, mas as questões políticas ligadas à prática psiquiátrica, essas, social entra, mas não como se

esperava que entrasse, né? Então a universidade mudando assim a própria luta antimanicomial ela se dá fora da universidade, e encontra em alguns serviços universitários uma certa resistência. E aí também tem a questão do poder, né? Poder médico, poder psiquiátrico, poder acadêmico, são instâncias muito poderosas, e são de modo geral instâncias conservadoras.

R.C.C: O senhor, assim, já formado, já atuando no Pedro Ernesto, o senhor nessa época fez parte do sindicato médico do Rio de Janeiro?

PROF. PAVÃO: Fiz da luta sindical, eu ia às reuniões, eu ia às assembleias, sempre [...] também, não é? Sempre opinei também, a luta se travava no sindicato, eu assistia, eu falava, eu não era liderança. Eu, digamos, [...] liderança vem assim, não sei, deixa eu, acho que o Guimarães Rosa que dizia, não me lembro se era ele, você às vezes acaba se tornando, se espalha [...] universal falando da sua aldeia. Embora eu falasse da minha aldeia, que era aqui e ali, eu participava de um modo geral, eu participava das lutas, e a formação das pessoas, a minha preocupação era forçar as pessoas na discussão, eu até brincava, para depois a gente [...], né? Nunca tive assim uma relação muito próxima com determinadas entidades, igual eu me dê com as pessoas, [...] uma briga [...] eu nunca tive uma proximidade maior, tanto é que nunca me associei à associação brasileira de psicologia, à associação de psiquiatria do Estado do Rio de Janeiro, por discordar das suas linhas políticas, pelas suas posições, pelas relações deles com o sistema. Então uma relação de respeito, crítica, fortemente crítica, mas à distância.

R.C.C: Sim. Uma curiosidade, nessa época, por exemplo, o senhor já atuava no Pedro Ernesto, mas já tinha trabalhado no Pedro Segundo, o senhor chegou a conhecer, ia regularmente a Juliano [...], Juliano Moreira?

PROF. PAVÃO: Fui algumas vezes.

R.C.C: Algumas vezes. Dá para comparar assim a situação lá?

PROF. PAVÃO: Sim, fiz inclusive um trabalho denunciando, porque nós tínhamos uma pressão, isso foi bom, de que lá naqueles [...] longe da [...], aquilo era um horror, aquilo achava que muitos presos políticos estavam ali, então o que aconteceu? Além disso eu trabalhei durante 25 anos na emergência psiquiátrica do [...], ali na praça Mauá, que era um serviço de grandes emergências e [...] um serviço que me permitia conhecer muito, porque a gente saía de ambulância, era uma equipe para atender a cidade inteira, então

do Leblon a Santa Cruz eu conheço tudo, entrei em quase todas as comunidades, isso me deu uma experiência, uma visão das coisas. Né? Em todas as comunidades, ia na Rosinha, na Providência, no Jacarezinho, situações tensas da máfia, mas ao mesmo tempo possibilidade de conversar com a comunidade, então [...], Juliano Moreira eu fui lá algumas vezes, uma vez que ia ver lá se conseguia conversar com o Antônio [...] aquele artista plástico, mas ele não pode atender, ele não conversava, ele era muito fechado. Uma vez à tarde nós fomos, eu resolvi fazer na época uma série nos hospitais psiquiátricos de fotografias e slides, naquela época era assim. Aí fiz algumas lá no Engenho de Dentro, e aí fomos fazer lá na Colônia, entramos de carro, ninguém, aquilo ali era um bairro, e aí começamos a fotografar, ele era um cineasta, o Wagner, ele também foi filmando, a gente ia fazer um pequeno vídeo, um pequeno documentário, mas era em 78, de fotografia, de repente o segurança segurou a gente, né? Porque era proibido fotografar porque era área de segurança nacional, aí fomos levados ali na delegacia e o [...] assim, inclusive estava meio sem jeito de autuar a gente, falei olha, é isso, a gente quer fazer um estudo, mostrar o horror. Ele falou eu sei, eu conheço aquilo lá, mas eu não posso. Vamos fazer um acordo, vocês me dão o rolo do filme, ele foi até legal, me dá o rolo só e eu libero vocês, vocês deixarem o material. Ele pegou lá um rolo dos filmes velados e deixou lá e nós saímos. Depois eu montei, nós montamos um, como chama, não sei se pode chamar de audiovisual, fiz um texto mostrando vários slides mostrando, aí eu fiz uma exibição em vários lugares, e o pessoal na época do sindicato que estava levando essa discussão me pediu emprestado, eu apresentei lá, deixei lá, e aí sumiram, perdi, eles perderam, não sei, era um documento também visual na época, então a Colônia [...], uma coisa horrorosa que mexia muito comigo e que eu e o [...] e eu nós quebramos pelo seguinte, que a cada três meses as enfermarias do Engenho de Dentro faziam uma lista de pacientes incuráveis, pacientes que estavam há muito tempo, e aí durante uma semana as ambulâncias transferiam esses pacientes para a Colônia, ou seja, eles iam ficar lá até morrer. Então conseguimos, nós não mandávamos pacientes, nossa equipe não mandava e denunciava isso, inclusive teve um ano que houve um problema sério por discordância lá, da enfermaria, onde estava o Fernando Diniz, aí que ele passa depois para a gente, um belo dia quando a Nize da Silveira chega, dizem a ela, doutora Nize, Fernando Diniz foi transferido para a Colônia Juliano Moreira, significaria que ele morreria, ela fez, mobilizou, e aí nós conseguimos que ele voltasse para o Engenho de Dentro, aí ele vai ficar na minha enfermaria. A

Colônia Juliano Moreira, ali era realmente tinha muito, muitos pacientes, sofreu, depois ela foi ampliada, a ideia qual era? Os hospitais Colônia, não era uma ideia de ser ruim, porque o Brasil tinha 70, 80% da sua população rural, então o que [...] dizem que na década de 40 ela produzia hortifrutis para os outros hospitais, para [...] de pacientes, produzia [...], produzia, depois sofre uma total degradação os hospitais Colônia, veja, ali em Barbacena, aquilo foi um marco, [...], um filme [...], disso aqui, todo mundo que está aqui é preso político, [...] então tem toda essa história também, que a maneira é [...]. Acho que isso foi [...] coisa importante nessa trajetória.

R.C.C: É, a gente levantando algumas informações até do antigo SNI no arquivo nacional, né? Coisa impressionante, até os agentes da ditadura, do DOPS ficavam chocados com a situação na Colônia Juliano Moreira, né? Lembro até que tem a... acabei achando no YouTube uma reportagem do Fantástico de 78, 79. Mostrando cenas assim, cenas degradantes, mostrando até o bispo do rosário, né? A arte que ele fazia e tal, mas mostrou uma situação da maioria dos internos, uma coisa assim absurda.

PROF. PAVÃO: [...] na Colônia Juliano ainda tinha [...], eles ficavam em um [...] desativado, ficava ali, os pacientes abandonados, morriam muito, porque a Colônia é muito grande, pacientes saíam da Colônia, fugiam, iam sair sabe onde? Na Grajaú Jacarepaguá, aqui no alto, [...] Juliano Moreira afogado na represa dos ciganos foi... um compositor, do chorinho, qual o nome dele? Ernesto de Nazaré.

R.C.C: Ah, sim, músico.

PROF. PAVÃO: Estava lá internado. Músico, então. A Colônia era um inferno, a Colônia virou um inferno, era uma coisa absurda, um campo de concentração e não devia nada a alguns campos de concentração, e ainda dizem que na Colônia e no Juqueri em São Paulo muitos presos políticos foram colocados lá, foram colocados, e o que era mais dramático era a cumplicidade de alguns, [...]. A ditadura foi uma coisa muito terrível, só quem viveu sabe. Vou contar um episódio para você. Nós estávamos no hospital Gustavo [...], nós estávamos fazendo toda uma transformação muito boa com o apoio do Jairo, que era um cara progressista, e tinha... interessante isso, porque na ditadura veio um psiquiatra, um sujeito muito bom, ele estava na [...], ele veio para o Brasil, e colocam ele na divisão nacional de saúde mental [falas simultâneas], um cara progressista, e ele foi bancando esses projetos, né? Muito bem, nós estávamos no Gustavo [...] [pessoa de fora falando], só um minutinho, só um minuto, um minuto [...].

Nós estávamos lá nesse hospital, e a equipe de plantão, ela, o que ela fazia? Ela os pacientes que eram internados, se fossem homens iam para a equipe masculina que estava de plantão, e se fosse mulher os residentes ficavam ali, com isso a gente queria ver se diminuía essa fragmentação, um interno, [...], muito bem, estava funcionando, só que alguns médicos, aqueles bem antigos, muito resistentes à mudança, ficavam na chefia do plantão e criavam muitos problemas, então no plantão de quinta-feira tinha um médico que nós depois vimos que ele era também agente do SNI, do serviço de saúde. Os ministérios tinham na ditadura o seu sistema de informação, né? De segurança. Aí ele ficava lá, ficava na sala dele, e criando mil problemas com os residentes. Aí o Loyola fala, olha só, dá para você ficar uma quinta-feira lá no plantão? Eu ficava, que era meu dia de ambulatório, e aí [...] da residência, vê se você dá uma mediada lá, tenta ver, sabendo quem é a peça. Tudo bem, aí vamos lá, o plantão está correndo muito bem, de repente, no final da tarde, chega uma ambulância da marinha, uma ambulância branca com uma cruz verde. [...] o residente falou, eu vou lá ver, aí abre, aí desce o enfermeiro, desce um oficial, um tenente, não é? E do lado de fora um carro com alguns soldados, não sei se fuzileiros. Muito bem, aí a residente entra, olha para o paciente, [...] eu acho que ele está grave, mas estava na mapa, e quando ela olha ela me chama, nunca mais esqueci isso, falei vamos olhar, quando olhei era um rapaz cheio de hematomas, cheio de sinais de tortura, né? Falei para ele, olha, [...] e chora, aí eu falei, mas vem cá, por que estão trazendo para cá para internar, não é? E não tinha, eu [...] como a gente pode fazer isso, cadê a identidade dele? Aí a identidade dele não me era passada. Não, nós temos que falar com o doutor fulano de tal, que era o cara, aí eu falei, esse rapaz vai morrer, o que houve com ele? Sofreu um atropelamento, eu já sabia o que era, fui anotando e tal, aí chamei lá, nós tínhamos o bloco médico cirúrgico, o médico de plantão, muito bom, o Joares, é um cara de esquerda, falei Joares, vem aqui, Joares olhou e falou, olha só, isso aqui é CTI, aí veio lá o doutor Ruben, veio, olhou, pegou o envelope, ele falou assim, não, vamos internar. Eu falei vamos internar não. O senhor se quiser interna, mas isso aí é um absurdo, eu vou comunicar o conselho. Não, mas faça uma história. Não, até porque você está com as identidades dele, eu preciso do nome dele para botar no livro de plantão. Aí estava lá assim, confidencial. Ele aí internou, eu falei, olha, isso aí que você está fazendo é um absurdo, muito bem, aí foi, ficou lá, levou lá, e o nome? Ia divulgar, né? Aí eu nunca mais esqueci isso. No dia seguinte eu chego, né? Fui para casa, estou lá, me chamaram no gabinete, o Jairo falou olha só, aquele

nosso amigo [...] grande no livro, dizendo que eu estava ali, jogando as pessoas, o público contra as autoridades constituídas, uma bobagem dessa, pregando a greve, né? E que quebrei a autoridade da direção geral porque me recusei a fazer uma internação, depois, e aí vai, é um monte de bobagem. Expliquei ao Jairo, Jairo, isso a gente tem que dar um jeito de passar, eu acho que esse rapaz [...] no [...], e ele falou, mas tem mais, ele botou uma nota aqui, informo que já dei ciência às autoridades de segurança para apurar ato de subversão, e eu tive que ir lá depor. E depor, não consegui saber o nome, porque o rapaz segundo o Joares internou e morreu dois dias depois. Isso aí eu já contei, já falei, mas foi, eu era residente, foi em 74, 74. Foi um exemplo de como eles [...]. E naquela época uma repressão dura, censura, né? O Jairo falou, olha, inclusive você corre o risco até de eles sumirem com você. Mas nós passamos esse [...] algumas pessoas, olha, houve isso, mas o problema é que o jovem não tinha trinta anos, branco, hematomas, provavelmente foi o [...], provavelmente.

R.C.C: É, incrível, né?

PROF. PAVÃO: Terrível isso, mas vamos lá, diga mais, eu tenho tempo.

R.C.C: Deixa eu perguntar, nessa época, na segunda metade da década de 70 começou a tomar corpo o movimento nacional de luta antimanicomial, o senhor participou desde o início ou não?

PROF. PAVÃO: Eu participei dentro da instituição, eu tinha uma dificuldade de [...] com eles, que era o seguinte, a gente tem que denunciar, tem que mudar, mas não temos que negar o tratamento à psiquiatria. Minha diferença com alguns deles é essa diferença, uma radicalização total que todos para ele, todo psiquiatra era um repressor, não é assim, você pode ter uma psiquiatria libertária, que era o que a gente fazia. Dar um remédio para um paciente, depende, eu sempre dizia isso, a violência e a alienação não estão na técnica em si, a técnica não é boa nem má, violência e alienação são uma ideologia com o que elas são usadas. Então havia muita discordância, mas eu acompanhava, eu ia às reuniões, como participante, não fui liderança, a minha liderança eu acho que na psiquiatria foi falando da universidade, eu acho que lá da universidade também encontrava uma resistência muito grande, porque é um centro que a universidade tem aspectos conservadores, e procurava formar pessoas com uma outra, e vai mostrar ali que você pode fazer uma outra psiquiatria. Eu me lembro quando eu assumi o [...] de psiquiatria que eu indiquei, eu convidei uma assistente social para

coordenar e reformular o ambulatório. E ela entendia daquilo. Eu no início encontrei algumas resistências, porque na medicina quem tem que dirigir é médico, mas médico não entende de administração, médico não entende de n coisas, e a [...] fez um bom trabalho, né? Outra coisa, abrir o [...] psiquiátrico não é propriedade do psiquiatra, ele é um fato social, ele tem que ser compartilhado com outros profissionais, outras falas, outros discursos, então a minha relação com essa turma é essa, é boa, eles me respeitam, e sempre tiveram acolhido no meu serviço, sempre que necessário estive falando, sempre, e sempre dei apoio a eles [...] apesar de fazer algumas críticas ou outras. Eu acho que foi um movimento importante, porque olha só, o trabalho que foi feito no Engenho de Dentro, tanto pela Nize, quanto [...] tinha muito aquele trabalho voltado para aquelas pesquisas do inconsciente, fez um trabalho muito bom, foi do museu do inconsciente, né? Teve uma briga comigo quando eu era diretor por causa dos gatos, porque eu estava mandando vacinar os gatos, ela achou que eu estava querendo [...] ali. Então, um trabalho muito importante. E o trabalho de admissão política, de formação, foi esse do Loyelo, da unidade, e as coisas vêm, só que como eu estava dizendo para o meu amigo Paulo Amarantes, era uma luta que se dava dentro, então você não tinha [...], pela repressão, né? Quando eu pego meu prontuário, né? Que um colega conseguiu no [...] estava lá, temos que observar, [...] o informante, que segundo o delegado estava mandando lá para o comando militar, dizia, eu escrevo agora informações do nosso agente médico número x, bom, dizia que eu era um agente provavelmente [...] político, não é? Que ao mesmo tempo que a gente falava de quadro clínico, nós víamos [...] aquilo tudo, então estavam muito em cima da gente. E quando o movimento veio foi importante porque foi em um momento de abertura, e aí eles puderam colocar [...] essa era a importância da luta antimanicomial, que já vinha na França colocar dentre as outras grandes lutas de inclusão social, colocar, chamar, problematizar a questão da psiquiatria, dos novos casos dos doentes, tudo isso.

R.C.C: Então a luta, o movimento antimanicomial no Brasil não tinha só o Bazzari como referência? Tinha França também, o que acontecia na França também?

PROF. PAVÃO: Um pouco, né? Mas esse foco mais no Bazzari. A França começa [...], tem outras características, né? Mas tinha pessoas muito importantes, como Bonafé, como [...], o [...] morre cedo, morre em 1961, não é? Mas ele traz para nós uma questão que a gente tem que ler, não é? Para fazer comparações, né? Ele no hospital Argelino, ele chega lá da França, vai trabalhar com uma comunidade muçulmana. Não é? Ele tem

um livro agora, liberdade e alienação que ele descreve as atividades que ele [...] socio terapia, festa, os pacientes que ficavam ali, que eram franceses, que eram europeus, participavam, os muçulmanos não participam, por quê? Porque aquilo era contra os valores deles, uma festa homens e mulheres conhecidos ali, então foi aprendendo essas questões muito importantes. Hoje como é que está a psiquiatria brasileira? Está mal, né? Está parada, a luta antimanicomial é importante, mas sofre essa pressão, não é? Há uma postura conservadora, acho que reacionária da [...], lança um documento que no fundo apoia as medidas que o governo vem fazendo de desestruturação dos serviços, dos CAPS, o CAP é uma coisa maravilhosa, o hospital [...] o hospital começa com a gente, eu costumo brincar, o pessoal brinca, equipe multidisciplinar começou comigo, por que? Como é que surgiu isso? Eu trabalhava numa enfermaria, tinha duas, uma enfermeira, dois auxiliares, e tinha o médico da enfermaria, e nós tínhamos sessenta pacientes para cuidar, cinquenta. Aí chegamos lá, o Loyola começa dizendo, primeiro começamos a organizar os pacientes em grupo, né? Não tinha aquela [...] do [...], o grupo dos oito, então a gente juntava, fazia reunião, digamos. [...] o paciente que estava há muito tempo [...] para ficar na porta e receber os pacientes que chegavam e mostrar o serviço, outros para ajudar a dar banho, e assim nós fomos fazendo, e eu fui coordenando, e aí eu falei Loyola, vou convidar quem quiser estagiar aqui com a gente, pode ser? Aí cuidava, estudantes de psicologia, serviço social, de história, se juntou. Hoje há um retrocesso muito grande, a direção, né? [...] de novo privatizar a assistência, o Brasil já teve, a loucura, né? A indústria da loucura com aquelas casas de saúde cujo modelo mor foi a [...] ali no Botafogo, o dono era o ministro da saúde, não é? Do governo Costa e Silva, como era o nome dele? [...] ele queria vender, fazer leilão dos quadros do museu do inconsciente. A Nize falou, eu vou para a avenida Rio Branco com os pacientes fazer uma passeata. Ele, esse sujeito, ele quando [...] uma reforma no ministério, ele foi dar de presente para a dona Iolanda uma cobertura, um apartamento na avenida [...], dizem que quando o Costa e Silva olhou, falou para ela, primeiro eu não aceito, devolve, depois eu vou mandar ver de onde ele tem tanto dinheiro, ele deve ser muito corrupto, né? Ele fazia isso. Hoje o que o ministério da saúde queria fazer? Gastar milhões para comprar aparelho de eletrochoque, né?

R.C.C: Sim.

PROF. PAVÃO: Milhões, né? Criar as chamadas comunidades terapêuticas para botar paciente dependente de drogas, impede a religião evangélica, os talibãs evangélicos

dentro de [...] campos de trabalho, de concentração, onde ninguém entra ali para ser tratado, jogando não sei quantos milhões para isso, né? E ao mesmo tempo estimulando a volta de uma psiquiatria medicamentosa, porque dá muito dinheiro para a indústria farmacêutica. Esse é um gigante [...] precisa ser abordado, a relação corrupta que a indústria farmacêutica tem com os médicos, com os psiquiatras, né? Paga passagem de avião, hotel cinco estrelas. Muita parte desses trabalhos que são publicados em revistas são feitos fora, traduzidos, e aqui alguém assina. Então isso aí ainda existe para ser denunciado, as universidades também estão desmontadas, né? Estão sofrendo muito, e estão dentro de si, né? Esse que é o grande problema. Por exemplo, a USP tem um grande serviço, mas do ponto de vista de uma política pública de saúde mental, zero. Eles têm assim, ambulatórios de transtorno bipolar, pesquisa da disfunção tal, claro, isso é importante, mas dentro de um outro contexto. Existem questões mais básicas. A gente precisa atender. Eu acho que essa é uma questão que a gente precisa discutir muito.

R.C.C: É. Uma curiosidade, quando o senhor assume a direção, por exemplo, a direção da... por volta de quanto? Década de 80 ainda ou já 90?

PROF. PAVÃO: Eu atendo na década de 80. Tinha havido 80, pouquinho mais, não, não foi 80 não, mais para 90. Tinha havido uma grande crise na direção que estava saindo, então nós tivemos que refazer o serviço. Mas diga, você ia perguntar.

R.C.C: E aí o senhor já pegou já com a reforma psiquiátrica, né? Que foi bem início da década...

PROF. PAVÃO: Eu vou dizer para você uma coisa, foi quando o Loyelo trabalhou lá. Todos, alguns princípios que o pessoal da reforma colocou, nós já fazíamos no Juiz de Dentro e lá na psiquiatria da UERJ idem, nós estávamos alguns anos à frente dele, eu me lembro que o [...] esteve lá no nosso serviço durante quinze dias, teve debate e tal, então uma tarde antes dele ir embora nós fomos tomar uma cerveja e ele conversando comigo e com o Loyola falou, olha, eu não entendo por que vocês não publicam tudo isso, porque o que a gente está querendo fazer lá vocês estão fazendo aqui em escala menor, aí o Loyola disse, olha, não, porque lá você está numa democracia burguesa, mas é uma democracia, a imprensa é livre, você tem editora, nós não temos. Nós não conseguimos fazer. Então nós temos que fazer como? Os próprios livros dele durante um período entravam escondidos, nós também tivemos um contato muito bom com a psiquiatria Argentina, antes do golpe de 76, Argentina passou por um movimento

político muito intenso, que lá teve uma coisa muito interessante, um grupo chamado plataforma, um grupo de psicanalistas [...] no Brasil, os psicanalistas saíram das instituições, ou melhor, essa é uma grande contradição que eu via, né? O psicanalista lá no Engenho de Dentro, ele na enfermaria quase que um médico organicista, dando remédio e tal no consultório do psicanalista, enquanto na Argentina os psicanalistas foram para instituições, fizeram, aqui no Brasil não houve tanto isso. Alguns foram, tinha o Hélio [...] importante, aí falando, poucas pessoas, o Marco Batista, mas nós já estávamos algum tempo com tudo aquilo, a diferença é que nós não tínhamos como sair, nós não tínhamos, e aqui o movimento foi bom, o sindicato apoiou, veio naquele momento que parecia que havia um renascimento, a ascensão do PT também, então essas discussões surgiram, mas você repara só, hoje estamos discutindo muitas coisas extremamente importantes, por exemplo, a questão do racismo estrutural, que tem que ser discutido, não há prática mais racista do que a prática psiquiátrica. Quem ia para os hospitais psiquiátricos? Os pobres e os negros. E hoje ainda se voltar ainda vai ser assim. Eu me lembro que eu e o Loyola fizemos uma pesquisa [...] porque nós depois não documentamos, nós fizemos uma análise [...] que trabalhava com a gente, a população do hospital psiquiátrico do Engenho de Dentro da colônia tinha as mesmas características sociodemográficas da população da penitenciária, negros, desempregados, poucas [...] vindos de condições de muita pobreza. Então, hoje, por exemplo, assim, essa discussão do racismo tem que ser levada a sério, ou seja, o privilégio branco, acabar com aquela fantasia, que foi uma das mais perversas, há não sei quantos séculos, quando se condicionou, que a humanidade é branca, né? Que o humano é branco, logo o negro não é humano, então isso tem, assim como a questão feminina, nós temos também que discutir a questão onde essa opressão continua acontecendo, que é no espaço [...], ainda temos uma psiquiatria de rico, ainda temos sim, e uma psiquiatria de pobre. Você vê, as [...] estão carentes, [...] essas organizações sociais, que não são sociais, são antissociais, faltando profissionais, profissionais [...], os profissionais, por exemplo, serviço social, o médico, a enfermeira, tinham que ser o que? Carreira de estado, não pode ser aquele contrato de dois meses, três meses onde a pessoa não tem direito. Que trabalho ela faz ali? Não é? Ela acaba. Eu estava conversando com uma funcionária de um CAPS que pediu ajuda, que estava sofrendo, então nós vimos, ela chegou à conclusão, de que ali cada dia que ela ia lá ela encontra uma triste loucura, a dela, as angústias dela, a loucura dos pacientes, a loucura do

sistema, o município que diz estamos humanizando, ela fica dois, três meses sem receber salário. Como é que ela vai chegar para um paciente que está com angústia, tem problemas parecidos e vai ajudar? Então eu acho que o movimento da luta antimanicomial foi importante, tem uma importante, mas ele perdeu a força, ele se institucionalizou. Entendeu? Ele virou um instituto, eles falam assim da Fiocruz, falam [...], fazem uns seminários e mantêm uma distância no dia a dia, dos profissionais, e repensam a nossa questão como na Itália, como na Inglaterra, a gente tem que ter como referência, nós temos que ter soluções nossas. Soluções nossas não adianta você ficar falando de fora. Tem que ouvir quem está no campo, tem que ouvir quem está trabalhando. Então acho que a luta antimanicomial se institucionalizou, ocupou um espaço e ponto final. Então é preciso que haja luta, que haja... que vá para... aliás, eu acho que isso foi uma... uma coisa que eu sempre gostei foi isso, eu sempre falei do espaço [...], da prática que estou tendo como professor, como médico, como cidadão, tem que estar ali, não adianta ficar na academia só fazendo grandes discursos e não mudando.

R.C.C: Bom, professor, caminhando aqui para o final, só mais duas últimas perguntas... o senhor como diretor da UDA, uma curiosidade minha de alguém que não é da área, o que impacta mais, assim, como diretor de uma instituição que é do âmbito estadual, né? O que impacta mais? Um governo ruim. O que impacta mais? O que é mais prejudicial na instituição? Um governo estadual ruim ou um governo federal ruim? O que tem mais peso no próprio funcionamento da UDA, por exemplo? O que prejudica mais? O governo federal ou o governo estadual?

PROF. PAVÃO: A UDA, unidade de docência assistencial, é um serviço que está ligado ao hospital universitário, né? Então como diretor do conselho, então, eu ali acho que sempre procurei fazer uma gestão democrática, decidindo todas as coisas em reunião com as assembleias, todos tinham participação, todos. Nós ali, [...] primeiro sofre? Ela tem que procurar manter uma independência em relação, por exemplo, à direção do hospital, não pode ter... estar alinhada ali, porque um mal diretor cria um problema. Aliás, é uma coisa interessante que mostra a relação da psiquiatria com a medicina. Nós ficamos ali, é como se a [...] embora fosse a característica boa do serviço, nós atendemos dentro do hospital onde nossos pacientes são atendidos, mas até pouco tempo, até antes de eu passar lá a psiquiatria era vista como um serviço fundo de quintal, uma disciplina exotérica e tal, não se inseria na política, então acho que o

médico que eu tive inclusive quando eu saí candidato a reitor, uma eu já [...], uma das minhas propostas era levar a psiquiatria para o centro, quando a gente cria um projeto para atender o servidor da UERJ, com problemas psiquiátricos, um atendimento diferenciado, porque a grande queixa das pessoas qual era? Nós trabalhamos aqui há anos e quando precisamos ser atendidos não temos vaga, isso. O reitor também é fundamental. Por quê? Porque a universidade tem autonomia em relação ao governador do Estado. Um grande problema na UERJ às vezes é quando se elege um reitor e ele acha que ele tem que ser amigo do governador, quando ele não tem que ser, ele tem que ser totalmente independente. Por exemplo, essa questão de amizade fez com que a UERJ perdesse o [...] lá no Supremo porque não recorreu, não é? Pela ligação talvez do governador... do reitor com o governador quando nós estávamos pleiteando um aumento do repasse, do orçamento, nós tínhamos direito de 3% a 6% no orçamento do Estado, e tem outra coisa, não é só isso, era ter autonomia, receber um orçamento direto dessa parcela, e quem administra os conselhos e o conselho [...], então o reitor tinha uma ligação próxima com o Cabral, não recorreu, perdemos, então isso também é importante. Na UERJ também é importante que as pessoas tenham uma participação principalmente na eleição dos conselhos, para mim é mais importante do que do cargo majoritário, porque quem dirige a universidade? O conselho universitário, o conselho de ensino e pesquisa. Mas também era bom que tivesse uma boa participação, né? De funcionários no sindicato. O que acontece no sindicato da UERJ? Acaba virando um meio [...] pelas reitorias. A mesma coisa, tem que manter a independência, o DCE [...], e o presidente da república, ele está longe, né? Se ele não for um insano, como esse que está aí, ele acaba interferindo pelas militâncias que fazem, o ataque à cultura, o ataque à universidade pública, o desmonte, e a gente corre esse risco de ter que enfrentar. Por exemplo, todo mundo tinha medo quando aquela figura que veio de outro planeta, o [...], ele falando que ele ia querer ver aquela questão da lista tríplice do reitor, né? Só que ele viu que ele não podia fazer porque aqui é diferente, porque está na constituição, e aí a gente estava achando que ele fosse causar muitos problemas, porque ele teve uma passagem muito ruim pela UERJ, né? Paradoxalmente ele não interveio, e paradoxalmente ele liberou muitas verbas, muitas verbas que a universidade precisava, né? Só que é o que? Um reitor independente, um reitor que não é do mesmo partido do governador, levou as exigências da UERJ junto com os conselhos e ele teve bom senso, não interferiu na eleição, nenhum dia, é óbvio, e ele liberou algumas verbas, só isso.

Agora, as políticas que eles adotam vão repercutir, e aí que as comunidades tem que [...], esse que é o grande problema, que a gente vê muito na medicina, nas outras áreas eu vejo menos. Médico na universidade participa pouco, e ele é mais conservador. Ele participa pouco, ele vai ali, ele dá aquela aula, ele faz aquilo ali, não é? E tem ainda sua parte como liberal fora. É um vestígio, eu me lembro, quando havia os catedráticos, né? Já era auxiliar de ensino, era interessante, e abria uma assembleia para discutir um assunto, aí no anfiteatro, e o catedrático sentava numa ponta, os assistentes todos sentavam do lado. E eles votavam com um catedrático. Então isso ainda pesa um pouco. [...] mas ainda não houve uma melhora grande, não é? A universidade UERJ tem algumas qualidades muito boas, ela é uma universidade popular, porque ela foi a primeira a botar o curso noturno, ela é uma universidade popular porque ela abriu a porta, [...], e ela é democrática, porque a gente vota, e o resultado das eleições é respeitado. E ali a UDA tem tudo para fazer um bom trabalho, nunca tive nenhuma interferência de nenhum diretor [...], até mesmo sabendo das minhas condições, não é? Ela teve, a UDA sempre teve nos últimos tempos uma autonomia, tanto em relação à direção do hospital quanto à reitoria, sempre teve. [...] faz isso, se participando, vai às reuniões, vai às assembleias, trabalho aí sempre foi respeitado. Eu fiz muito, a minha gestão, eu não, porque eu não trabalho sozinho, a equipe, enfermagem mista, na época em que só se permitia [...] os pacientes não podiam ter licença, os pacientes do hospital, nós dávamos licença todo fim de semana para os pacientes que estavam melhorados. Quando a visita era uma vez por semana a psiquiatria abriu visitas diárias, depois o hospital seguiu, e por aí fomos, acho que esse é a questão de você se colocar ali e entender que a sua teoria é um reflexo da sua prática, você tem que ficar junto. Claro que tem os professores, tem [...] que a gente respeita, que vão lá, querendo dar seu curso, e dão, direito, fazem, tem a visão deles, não pode ter serviço de pensamento único. Então acho que a gente está caminhando, acho que a UDA está bem, eu espero que as pessoas que ficaram lá na minha [...] sigam isso, né? Eu acho isso, acho que é muito importante. Era isso.

R.C.C: Não, está ótimo, professor, muito obrigado, e agradeço imensamente a sua entrevista, aprendi muito ouvindo o senhor falar, e muito obrigado.